

## O discurso da oposição na Síria pré-revolucionária

The discourse of opposition in pre-revolutionary Syria

Renata Parpolov Costa<sup>1</sup>

### RESUMO

*Este artigo tem a finalidade de analisar a Síria antes da revolução de 2011 para verificar como as relações socioeconômicas se desenvolveram em uma sociedade sob dominação autoritária e como floresceram os discursos transgressores nesse contexto. Estes discursos encontraram sua oportunidade de desenvolvimento nas concessões dadas pelo regime para apaziguar a opinião pública.*

**Palavras-chave:** economia política; discurso; autoritarismo

### ABSTRACT

*This paper seeks to analyse Syria before the revolution of 2011 to verify how the socioeconomic relations have developed in a society under authoritarian domination and how the transgressive discourse has flourished in this context. These discourses have found their opportunity in the concessions given by the regime to appease public opinion.*

**Keywords:** political economy; discourse; authoritarianism

### Introdução

A população da Síria caracteriza-se pela diversidade religiosa e étnica apesar da uniformidade cultural em grande medida: 85% da população é falante de árabe. É comum, contudo, associar os conflitos no país à diversidade religiosa e comunitária. Assume-se dessa forma que todos os que não são sunitas apoiam incondicionalmente o regime da família Assad, e que a revolução iniciada em 2011, da mesma maneira que os levantes de 1979-1982, tem fundamentação nas rivalidades intercomunitárias e não na disputa política, econômica ou social, sendo classificados simplesmente como “sectarismo religioso”.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Estudos Judaicos e Árabes, USP, São Paulo, Brasil.

A maior parte dos estudiosos privilegia em suas publicações as relações internacionais e regionais da Síria ou estudos biográficos sobre o antigo presidente Hafez al-Assad. Após a revolução de 2011, com a ampliação do número de publicações sobre a Síria, os assuntos mais tratados passaram a ser os confrontos e a ação militar no terreno, o que muitas vezes não deixa entrever a existência da oposição política e a forma como a luta pelo poder se desenrolou dentro de um contexto social, econômico e cultural durante as décadas de 1980, 1990 e 2000. Neste artigo, elaboraremos uma análise que privilegie este viés: como as relações sociais e econômicas se desenvolveram em uma sociedade sob dominação autoritária e como se desenvolveram os discursos de oposição ao regime nesse contexto. Busca-se valorizar assim o aspecto da produção cultural da sociedade em face de uma situação política e econômica de autoritarismo, na qual são poucas as oportunidades de liberdade de expressão – e também compreender como se articulava o discurso de transgressão à ordem imposta pelo regime antes da revolução de 2011.

### **O levante de 1979-1982 e a securitização do setor privado**

O levante islamista de 1979-1982 foi uma resposta da Irmandade Muçulmana síria às políticas implementadas durante o Movimento Corretivo de Hafez al-Assad a partir de 1970, o qual logrou desempoderar as classes médias comerciantes e as burguesias tradicionais ao mesmo tempo em que criava uma nova burguesia entre os membros leais ao regime que pertenciam a comunidades minoritárias. Uma série de choques sectários ocorreu durante este período, o qual terminou com a invasão e arrasamento da cidade de Hama durante três dias em 1982 e um número de mortos sobre o qual ainda não há certeza, mas que varia entre 5 mil<sup>2</sup> e 40 mil<sup>3</sup> pessoas.

O fim dos levantes fortaleceu na liderança do regime a ideia da securitização de tudo que era relacionado ao setor privado na Síria. Pelo fato de a burguesia dos *suqs* ser tradicionalmente composta de uma maioria sunita, o regime buscou mantê-la sob controle de diversas formas. Entre elas, o impedimento do desenvolvimento do setor

---

<sup>2</sup> BATATU, 1982:20.

<sup>3</sup> LEFEVRE, 2013:128.

privado por meio da instituição de leis contraditórias e que atravancavam a prática comercial e a livre concorrência. Entre elas, estava a ilegalização da importação de diversos itens, o que tornava a operação de unidades sírias de empresas estrangeiras, a criação de associações independentes de comerciantes e industrialistas e o desenvolvimento da indústria nacional praticamente impossível sob o aspecto legal.

“Na Síria, a divisão sociocultural entre a elite do regime e os capitalistas coincidia com a divisão socioeconômica: a elite do regime era predominantemente rural e minoritária e pertencia às classes desprivilegiadas (até mesmo para padrões rurais), enquanto membros da comunidade empresarial eram predominantemente urbanos e sunitas e pertenciam à classe dominante. Esta coincidência de classe, status social e identidade comunitária logo polarizou o contexto político na Síria nos anos 1960, quando as classes dominantes foram substituídas pelas forças sociais historicamente desprivilegiadas. Relações entre adversários de longa duração e com raízes profundas – as quais representam um caso crucial – levaram cada parte a ver a relação em termos de soma zero: avanços em um lado são considerados automaticamente como perdas no outro; o aumento do capital privado diminui o poder do estado, e vice-versa.”<sup>4</sup>

Enquanto diminuía a participação destes atores na economia, o regime promoveu a criação de uma nova burguesia com relações privilegiadas junto à estrutura estatal. Esta nova burguesia desfruta da afiliação nas redes onde as rendas são distribuídas e as leis abertamente transgredidas, enquanto o resto da comunidade empresarial deve “seguir a lei à risca” em um ambiente legal contraditório. “Mais significativo é o fato de que privilégios e rendas foram repartidos pelos potentados do regime para selecionar parceiros empresariais sem nenhuma expectativa de bom desempenho econômico.”<sup>5</sup> Assim, pode-se dizer que o setor privado na Síria é um grupo heterogêneo de componentes sociais unidos sob a denominação “privado”. Os maiores segmentos do capital e dos ativos são aqueles sob a proteção do regime, acumulados à sombra do estado, muitas vezes diretamente através da autoridade estatal e utilizando as agências e mecanismos do estado para elaborar as chamadas “políticas de corredores”.

Simultaneamente, desenvolveu-se um culto simbólico à figura do líder, e logo a exposição a seu conteúdo e a familiaridade com os requisitos da dissimulação pública da

---

<sup>4</sup> HADDAD, 2009:31.

<sup>5</sup> HADDAD, 2012:41.

opinião política seriam tão onipresentes quanto parte da experiência de ser sírio. Assim, não só partidários autênticos do regime participavam do culto, mas também empregadores do setor privado e donos de lojas, colocando pôsteres de Assad em seus escritórios e lojas.<sup>6</sup>

Raramente requisita-se que donos de lojas exibam iconografia oficial em suas janelas, mas muitos deles o fazem. Muitos donos de lojas precisam violar leis de importação para sobreviver economicamente, então penduram o poster de Assad como um talismã para repelir danos ou, em termos menos mágicos, na esperança de que um sinal de lealdade explícita desencoraje os agentes do regime a perturbar os negócios.<sup>7</sup>

Percebe-se dessa forma que as pessoas não eram requisitadas a acreditar na ideologia, mas apenas a agir como se acreditassem, reproduzindo um sistema que “se baseia em conformidade passiva, e é definido por ela. A divisão entre governantes e governados acontece de fato através de cada pessoa, pois cada um de sua própria forma é uma vítima e um apoiador do sistema”.<sup>8</sup>

Ao mesmo tempo, o estado sírio relaxou o seu controle sobre as produções teatrais e cinematográficas no fim dos anos 1980 e início dos 1990. Esta distensão foi uma resposta para a eliminação da oposição organizada, mas também para as tentativas persistentes de indivíduos – dramaturgos, diretores de cinema, poetas, cartunistas e romancistas – de produzir uma alternativa aos ideais autoproclamados do regime. A abertura do regime ao setor privado, consagrada com a Lei de Investimento #10 em 1991, encorajou empreendedores, alguns dos quais conectados aos oficiais do regime, a desenvolver programas de entretenimento comercial para TV; antes disso, a televisão síria era uma empresa pública devotada à propagação de ideais políticos oficiais. As antenas parabólicas proliferaram-se sobre as casas em Damasco e, mesmo sendo proibidas, o regime optou por não fazer as pessoas removê-las.<sup>9</sup>

Os programas mais populares exibidos por estas redes de televisão são filmes, programas de comédia, sketches e sátiras permitidas pelo governo, nas quais a crítica e a

---

<sup>6</sup> WEDEEN, 1999:68

<sup>7</sup> *idem*, 1999:75-6.

<sup>8</sup> *idem*, 1999:81.

<sup>9</sup> *idem*, 1999:91.

consciência oposicionista proliferaram. Por perturbar a representação idealizada de dominação, os artistas produzem performances retóricas que criam uma contracultura transgressiva que brinca com os parâmetros da filiação nacional. “A popularidade de sátiras políticas e quadrinhos e a prevalência de piadas desfavoráveis a Assad nos dizem que os sírios, apesar de não desafiarem diretamente o poder, também não aceitam de forma acrítica a versão da realidade do regime”<sup>10</sup>. A resistência síria é feita de transgressões discursivas, que não têm a intenção de superar a ordem vigente; assim, alguns estudiosos argumentam contra a designação desses triunfos discursivos como “políticos”, pois eles não afetavam a situação da dominação do regime. Contudo, ignorar essas práticas discursivas pode significar negligenciar as circunstâncias vividas nas quais a ação coletiva é gerada e sustentada, e que podem crescer e se tornar desafios conscientes de larga escala à ordem política.

### **A oposição islâmica**

Outra consequência importante do fim dos levantes de 1979-1982 foi o exílio de líderes da Irmandade Muçulmana, a criminalização de suas atividades na Síria e o controle mais acirrado da atividade das mesquitas pelo Estado. A *jamiat* Zayd, que durante a crise islamista dos anos 1980 era a maior organização religiosa beneficente da cidade de Damasco, teve seus líderes exilados na Arábia Saudita, apesar de não ter se posicionado em favor da Irmandade na época. As suas atividades praticamente cessaram para ser retomadas apenas após 1994, quando Zayd voltou a ser uma organização islâmica de grande popularidade entre a classe média de Damasco, e recebeu de volta seus membros exilados em um clima de descompressão política.

No início dos anos 90, o governo progressivamente relaxou suas restrições sobre as associações de caridade islâmicas, as quais contribuíam, ainda que modestamente, para o bem-estar social que o governo era incapaz de prover. As iniciativas de caridade de base religiosa, em particular, revelaram-se excelentes captadores de doações entre a classe média e a burguesia dos *suqs*. Assim, pode-se falar em uma distensão nas relações entre o setor beneficente islâmico e o regime, que permitiu o reinício das atividades dos atores que havia banido durante a crise de 79-82,

---

<sup>10</sup> *idem*, 1999:87.

os quais alcançaram muito sucesso devido à eficiência no oferecimento de obras beneficentes.<sup>11</sup> No início dos anos 2000, entre as associações de caridade localizadas em Damasco, ao menos 80% eram sunitas, enquanto as restantes eram de xiitas duodécimos, cristãs e seculares.<sup>12</sup>

No início dos anos 2000, o regime iniciou a sua tentativa de cooptação do movimento Zayd para reunir suporte entre a burguesia mercantil-clerical em torno de aliados tradicionais como a rede de um importante dignatário islâmico sunita colaborador do regime: Salah ad-Din Kaftaru. Porém, os favores do Estado não conseguiram transformar Zayd em um aliado do Baath. A boa vontade deste último não impediu que os irmãos Osama e Sariya al-Rifa'i, dirigentes recém retornados da Arábia Saudita, transgredissem duas imposições do regime aos atores religiosos: realizar ataques às opiniões seculares e mostrar sinais de deferência para com o presidente. Conseguiram de Assad o fechamento de duas associações feministas de um partido pró-regime e a apreensão das livrarias de um livro anti-hijab. Estes “não hesitaram em vilificar publicamente artigos de jornalistas seculares do diário oficial al-Thawra (A Revolução), seja de seu minbar ou nas páginas do jornal do Ministério das Doações Religiosas”<sup>13</sup>. Da mesma forma como o regime permitia a sátira em programas de televisão ou charges críticas em jornais oficiais que demonstravam o descontentamento da população no campo econômico e político, fazia este tipo de concessões aos islamistas que objetivavam apaziguar a opinião pública. Ao mesmo tempo, o regime promovia leis mais rígidas que desfavoreciam as entidades beneficentes islâmicas e outros meios de associação desses atores.

Ao perceber o aumento na popularidade dessas entidades e das redes beneficentes islâmicas formadas, o regime acabou por endurecer suas políticas contra elas. Nomeou em 2007 um novo Ministro das Doações Religiosas, Muhammad 'Abd al-Sattar al-Sayyid, o qual passou a fortalecer o controle do Estado sobre o ensino islâmico. Tomou diversas medidas impopulares, como proibir as associações de caridade islâmicas de servir o desjejum público do Ramadã aos pobres. Em setembro do mesmo

---

<sup>11</sup> PIERRET et. al., 2009:610.

<sup>12</sup> *idem*, 2009:601.

<sup>13</sup> PIERRET et. al., 2009: 608.

ano, a morte de 17 civis em um carro-bomba perto de um edifício do serviço de inteligência em Damasco oferece às autoridades a oportunidade de ampliar o alcance das medidas anunciadas. Nas confissões televisionadas, os alegados autores membros do grupo jihadista Fatah al-Islam destacam o papel de dois tipos de instituições já apontadas nas declarações de al-Sayyid: os institutos de *sharia* e as associações de caridade, algumas das quais têm servido como "cobertura" para angariação de fundos para a "célula terrorista".<sup>14</sup>

Assim, o regime encontrou meios para justificar o endurecimento das políticas contra as associações islâmicas, porém era incapaz de promover a mesma qualidade de assistencialismo do que entidades beneficentes islâmicas como Zayd, cujos líderes autorizados a retornar à Síria puderam usufruir das informações e recursos provenientes dos países que os abrigaram no exílio e obtiveram sucesso em angariar recursos e atrair capital social, material e simbólico, o qual foi utilizado para construir a única possibilidade de oposição com liberdade e legitimidade suficientes para desafiar o *status quo*. Assim, percebe-se que havia limites à modernização do autoritarismo proposta pela família Assad. A população síria percebia o governo com desconfiança e desilusão, e os meios de comunicação amplificaram os discursos que tornaram públicos os abusos do regime sem que nenhum canal institucional fosse aberto para prover soluções para os problemas da corrupção e das práticas legais contraditórias.

### **Considerações finais**

Neste artigo, buscamos valorizar o viés discursivo e a produção cultural da sociedade em face de uma situação política e econômica de autoritarismo. Esse discurso assumiu, na mídia, a forma de sátiras e comédias nas quais o público reconhece a inversão da realidade. Enquanto a retórica oficial fala da unidade árabe, exalta os cidadãos comuns e faz louvores à liderança do regime, as comédias documentam a contenda e as divisões tanto dentro dos países árabes como entre eles, demonstram a desmoralização da sociedade pelas práticas do regime, revelam a corrupção e a

---

<sup>14</sup> PIERRET, 2011:274.

brutalidade dos líderes do regime e satirizam a arbitrariedade e ineficiência das instituições estatais<sup>15</sup>.

Simultaneamente às concessões no campo simbólico, o regime buscou reduzir a atividade da oposição no campo material. Observamos o caso do endurecimento das políticas contra as entidades beneficentes islâmicas, as quais passaram a constituir uma das poucas oportunidades de associação entre indivíduos de pensamento oposicionista. Tais entidades ofereciam um tipo de assistência que o governo era incapaz de prover ao cidadão comum, e ao mesmo tempo em que o regime realizava concessões no campo simbólico, como recolher livros de teor considerado “anti-islâmico”, recrudescia as políticas que visavam à diminuição do papel desses atores na captação de capital simbólico por meio da atividade beneficente.

## Referências bibliográficas

- BATATU, Hanna. Syria's Muslim Brethren. *MERIP Reports, No. 110, Syria's Troubles* (Nov. - Dec., 1982), pp. 12-20+34+36. Middle East Research and Publication Project - <http://www.jstor.org/stable/3012279> <acesso em 03/09/2011>.
- LEFEVRE, Raphaël. *Ashes of Hama: The Muslim Brotherhood in Syria*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2013.
- HADDAD, Bassam. Enduring Legacies: The politics of private sector development in Syria. in LAWSON, Fred. *Demystifying Syria*. Londres: SAQI, 2009. pp 29-55.
- \_\_\_\_\_. *Business Networks in Syria: the Political Economy of Authoritarian Resilience*. Stanford: Stanford University Press, 2012.
- HINNEBUSCH, Raymond. Syria: from “authoritarian upgrading” to revolution? *International Affairs* 88: 1 (2012) pp. 95-113 [http://www.chathamhouse.org/sites/default/files/public/International%20Affairs/2012/88\\_1/88\\_1hinnebusch.pdf](http://www.chathamhouse.org/sites/default/files/public/International%20Affairs/2012/88_1/88_1hinnebusch.pdf) <acesso em 17/01/2013>
- PERTHES, Volker. *Syria under Bashar al-Asad: Modernisation and the limits of change*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2004.
- PIERRET, Thomas e SELVIK, Kjetil. Limits of 'authoritarian upgrading' in Syria: private welfare, islamic charities, and the rise of the Zayd movement. *International Journal of Middle East Studies*, n.41, 2009. pp. 595-614.
- PIERRET, Thomas. *Baas et Islam en Syrie: La dynastie Assad face aux oulémas*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

---

<sup>15</sup> WEDEEN, 1999:93.



WEDEEN, Lisa. *Ambiguities of Domination*: politics, rhetoric and symbols in contemporary Syria. Chicago: University of Chicago Press, 1999.